

## Um outro mundo possível

Sara Almarza

Universidade de Brasília

O título *Um outro mundo possível* nos faz lembrar certas obras que a crítica tem classificado de futurista ou de ciência ficção como é o caso do romance de Aldous Huxley, *O admirável mundo novo*, de 1932 onde se apresenta uma sociedade tão brutalmente organizada que não há nenhuma possibilidade de questionar nem de se ter conflitos; tudo está rigorosamente controlado. Mas também é a frase que se escuta quase como uma palavra de ordem em todos os lugares onde os movimentos sociais se encontram. A frase que os movimentos ecoam é "*um outro mundo é possível*". Sem dúvida, é muito mais assertiva.

Por que este chamado tem adotado tanta força? A meu ver, a razão se deve a que, de forma diferente ao mundo huxleyano, a sociedade civil deixou de ser simples espectadora frente às situações políticas e aos novos modelos que surgem. Ademais, decidiu se organizar, com voz própria, em grupos estruturados e coesos. Porque, como explica Alberto Melucci, todo movimento social é uma ação coletiva que implica uma solidariedade comum e, assim, se pode lutar contra um adversário; é claro que uma ação coletiva é a expressão de um conflito<sup>1</sup>.

### ***Madres de Plaza de Mayo***

Quero falar esta tarde sobre um movimento surgido na Argentina e, ao mesmo tempo, render uma homenagem a um grupo espontâneo da sociedade civil que se organizou, em plena ditadura e em meio a medidas extremamente repressivas, com o objetivo de encontrar os filhos desaparecidos. Refero-me às corajosas *Mães de Plaza de Mayo* que o 7 de outubro de 2007 completaram 30 anos de luta quando um dia como esse, mais de cem madres decidem se colocar um lenço branco na cabeça e sair pelas ruas de Buenos Aires rumo à praça pública.

---

<sup>1</sup>A invenção do presente. *Movimentos sociais nas sociedades complexas* (1982), Petrópolis, Vozes, 2001, cap. 1.

Para entender a conjuntura política argentina, breves antecedentes fazem-se necessários. Antes mesmo do começo da ditadura de Jorge Rafael Videla (1976-1981), alguns jovens de esquerda já haviam desaparecido. O número aumentou expressivamente quando os militares tomaram o poder em 1976. As mães dos desaparecidos, na tentativa de encontrar informações sobre o paradeiro de seus familiares, percorriam diversos lugares – regimentos, polícia, ministérios, igrejas – e iam, assim, se conhecendo e trocando informações. Sem respostas por parte das autoridades, elas decidem se reunir num local público e escolhem a principal praça no centro da cidade de Buenos Aires. A explicação sobre a escolha da praça como lugar de encontro foi dada por Hebe de Bonafini, presidenta da agrupação desde 1977; ela diz que ali eram todas iguais, sem escritórios no meio, sem policiais, sem burocracia; na praça contavam umas às outras onde haviam estado para recavar informações sobre seus filhos e que respostas tinham recebido. Assim foi como o espaço público “agrupou as madres e consolidou” o grupo.

Passariam a se encontrar na praça toda quinta-feira, às três e meia da tarde, com um lenço branco na cabeça para se distinguir – uma alusão à fraude do filho ausente. Quando visitantes estrangeiros chegavam à cidade, elas ali estavam. E foi assim, então, que a imprensa nacional e internacional passou a conhecê-las, situação que muito incomodou as autoridades militares.

Consolidar esse grupo não foi fácil. Militares se infiltraram na multidão fazendo com que elas mesmas começassem a ser seqüestradas e provocando o desaparecimento e o assassinato de outros filhos. O golpe mais duro a essa resistência pacífica foi o sumiço e o assassinato da líder do grupo, Azucena Villaflor, em dezembro de 1977, na porta de sua casa, quando voltava após comprar o jornal *La Nación*, onde aparecia pela primeira vez uma nota que solicitava à junta militar alguma informação sobre os detidos-desaparecidos. O fato foi desolador para as mães, mas a decisão do grupo de continuar exercendo oposição à ditadura não esmoreceu.

Nessa mesma época, começam as manifestações de solidariedade dentro e fora da Argentina. Na França, por exemplo, toda quinta-feira um grupo de pessoas usando um lenço branco na cabeça, reunia-se em frente à embaixada argentina, tornando-se o movimento das Madres de Plaza de Mayo conhecido pelo mundo afora. Na Argentina, a repressão foi violenta, mas a resistência era extremamente criativa, pois, como elas mesmas

comentam, “se uma era presa, iam todas”. Eram chamadas de “as loucas da praça” – o que não é nenhuma novidade na história da humanidade, lembremos que já nos séculos passados outras mulheres eram chamadas bruxas ou as *loucas da casa*, mote dado a qualquer mulher que se distinguisse por seus estudos ou transgressões.

A petição das mães era muito simples, “aparição com vida” dos filhos. Elas não aceitavam a possibilidade de que estivessem mortos, já que nenhuma autoridade do governo lhes tinha dado qualquer informação ou indício de que haviam sido presos.

Na ditadura argentina, assim como na brasileira, utilizou-se da tática do rodízio de militares. Quando o general Leopoldo Galtieri assume o governo, em 1981, ele determina a ocupação das ilhas Malvinas no Atlântico sul, retomando, deste modo, uma guerra contra a Grã-Bretanha que durou pouco mais de dois meses e deu início ao fim da era militar, uma vez que o apelo nacionalista não teve eco na sociedade. Foi o maior erro estratégico e político da ditadura – porque os militares davam como certo o fato de que a Grã-Bretanha acabaria cedendo a soberania das ilhas para os argentinos. Acreditaram também que as boas relações que sempre tiveram com os Estados Unidos, país que apoiou a repressão mesmo antes do golpe de 1976<sup>2</sup>, levaria o governo Reagan a apoiá-los, o que não se concretizou.

Internamente, a oposição e os grupos organizados analisaram a conjuntura de guerra como uma brutal distração para a sociedade e, sobretudo, denunciaram a perda de mais jovens, pois foram obrigados a se enrolar no exercito e na marinha. As Madres foram acusadas pelo governo de antinacionalistas, mas elas responderam em bloco com a contundente afirmação: “as Malvinas são argentinas, os desaparecidos também”.

O governo democrático de Raúl Alfonsín, respondendo a seu programa de campanha, promulgou duas leis em 1986 com o intuito de acalmar o setor militar: a lei de “Obediência devida” e a lei do “Ponto final”, as quais deixavam impunes os crimes contra os direitos humanos. Mas a resistência dos diversos grupos civis continuava persistente nas suas reivindicações, especialmente naquele momento, em que o mundo já “falava das mães da Praça de Maio. E elas diziam: “se falam das mães então falam de nossos filhos”.

---

<sup>2</sup> Hoje se podem ler as conversas entre Henry Kissinger e o chefe da Armada argentina nos documentos norte-americanos. O governo dos Estados Unidos deu a conhecer ao mundo a sua política externa pró-ditaduras desclassificando uma serie de documentos que podem ser lidos em diversos sites na Internet <http://www.desclasificados.com.ar/>

A situação veio a mudar com o governo de Nestor Kirchner que, depois de uma longa negociação com o Congresso, conseguiu que se votasse pela anulação destas leis em agosto de 2003, quando o projeto do executivo foi finalmente sancionado pelo Supremo Tribunal de Justiça. A derrubada daquelas duas leis foi um importante avanço no sentido do julgamento e punição dos acusados de violações dos direitos humanos durante a ditadura.

Essa luta constante, eficiente e inflexível deste grupo aponta à necessidade que há na sociedade civil de se organizar em grupos, pois este exemplo das *Madres*, entre tantos outros, permitiu que a Argentina, a América Latina e o mundo todo não esqueçam as brutalidades cometidas no período das ditaduras militares, porque, como bem afirma o incansável ativista e pacifista, Adolfo Pérez Esquivel, “os povos que esquecem voltam a cometer os mesmos erros”<sup>3</sup>.

### *O novo modelo econômico*

Uma outra organização é a que nasce na trilha do modelo econômico neoliberal implantado pelos países ricos, o movimento conhecido pela sigla em francês ATTAC que significa Associação para uma Taxação de Transações Financeiras de Ajuda aos Cidadãos, e que desde 1998 tem ido evoluindo na sua tarefa de combater tal sistema.

Um breve recuo nos acontecimentos pós-Segunda Guerra nos permitirá entender como surge este novo modelo econômico que domina o mundo. Para isso, é preciso lembrar três momentos que podem ser caracterizados como marcos nesse processo: 1) a polarização do mundo entre dois modelos econômicos, o capitalismo e o socialismo, evento que o direciona no sentido de uma competição ideológica, militar e tecnológica que aumentava na medida em que avançava a Guerra Fria, e que culminou na chamada crise dos mísseis, em Cuba<sup>4</sup>, em 1962; 2) a instalação de um liberalismo conservador no eixo anglo-saxão, com o governo de Margareth Thatcher na Inglaterra (1979-1990) e de Ronald Reagan (1980-1988) nos Estados Unidos, de onde se disseminam os novos princípios liberais para os centros de

---

<sup>3</sup> Ganhador do Nobel da Paz em 1980. Desde a década de sessenta, este escultor e arquiteto trabalhou com movimentos pacifistas populares, criou o Servicio de Paz y Justicia – organização de apoio às vítimas da repressão – e, no auge do período ditatorial, fez denúncias sobre as violações dos direitos humanos. Escreveu *Caminando junto al pueblo* (1995), *Una deuda con los Derechos Humanos* (1999), *Irak y la conspiración del silencio* (1999), *Conferencia de ética y cultura del desarrollo* (2000).

<sup>4</sup> Aviões de espionagem dos Estados Unidos detectaram movimentos que indicavam a instalação de mísseis soviéticos em Cuba. Assim, o território norte-americano ficaria vulnerável a um hipotético ataque deflagrado a menos de 200 quilômetros de distância.

poder, para as universidades desses países e para as elites latino-americanas<sup>5</sup>; e 3) a reunificação alemã e a queda da União Soviética em 1990 e 1991, respectivamente. A partir dessa seqüência de episódios, a grande maioria das nações adere aos valores ocidentais, predominantemente os anglo-saxões.

O modelo neoliberal segue as conhecidas máximas do liberalismo clássico no sentido de entender que a atividade econômica deve acompanhar as leis naturais (de mercado) sem a intervenção do Estado. Foi necessário, então, que as economias periféricas aceitassem esses princípios para conseguirem, como primeira medida, uma estabilidade monetária, iniciativa que acarretou uma série de outras reformas como a abertura de fronteiras para os investimentos estrangeiros, a dispensa do capital privado de responsabilidade social, a garantia de que a economia fosse conduzida pelos donos desse capital, a modernização do Estado – isto é, restringir o gasto público em saúde, em educação e em funcionários públicos –, e a suplantação do estado pelo mercado<sup>6</sup>. Essas medidas produziram um grande custo social, especialmente no aumento das taxas de desemprego. Entre 1990 e 2004 a porcentagem de desempregados para Argentina subiu de 7,4% e 13,8%; no Brasil (só em seis áreas metropolitanas) de 4,3% foi para 11,5%; no Chile de 7,8% passou a 8,8% e no Uruguai de 8,5% a 13%. E a média de desempregados para América Latina subiu de 7,3% para 10%<sup>7</sup>.

Com isso em mente, cabe a seguinte pergunta: como e de onde surge essa nova ordem econômica? A prática neoliberal provém de um grupo de intelectuais-economistas que, junto a consultores das entidades financeiras – FMI, BIRD, BID, – e de assessores do governo norte-americano, vinham planejando um eficiente novo paradigma para a economia mundial, pensado especialmente para os países da América Latina e da África, com intenção de que estes viessem a retomar o crescimento de suas economias<sup>8</sup>. Método similar, embora noutra conjuntura, foi a formação das Comissões Econômicas que surgem após a segunda guerra para aplicar a política desenvolvimentista nesses dois continentes.

---

<sup>5</sup> Em 1991 havia 277 mil jovens da Ásia, 52 mil da Europa, 35 mil da Índia e 10 mil da América do Sul estudando nas universidades norte-americanas. José Joaquín Brünner, *Globalización cultural y posmodernidade*, Santiago, Chile, FCE, 1998, p.155.

<sup>6</sup> José Luís Fiori, “Globalização, hegemonia e império”, Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori (org.) *Poder e dinheiro. Uma economia política da globalização*, Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 87-147.

<sup>7</sup> *Anuario estadístico de América latina y el Caribe, 2004*, Santiago, Chile, abril 2005, p. 97. [www.eclac.cl](http://www.eclac.cl)

<sup>8</sup> É o “Consenso de Washnigton”, expressão cunhada por John Williamson num artigo escrito no International Institute for Economy, em 1989.

No entanto, para entender a expansão total dessas máximas econômicas é fundamental levar em consideração a velocidade do progresso tecnológico como resultado do avanço na circulação de informações pelos meios de comunicação – satélite, Internet, rádio, TV, telefone. Sem dúvida, as novas invenções são o motor das transformações que se estão produzindo no mundo.

É uma realidade incontestável a integração mundial dos mercados e o contato humano entre um hemisfério e outro. As sociedades atuais encontram-se envolvidas pelas redes de informação e as redes de mercados – é a explicação simples que proponho para o tão manuseado termo *globalização* –, e esta estratégica aliança foi a que permitiu, com êxito, a difusão dos princípios já mencionados. Para nossos países latino-americanos, o grande desafio deste milênio é o de como se manter, como sociedades soberanas, dentro da assimetria evidente que existe entre as nações hegemônicas e as periféricas ou subalternas, como alguns preferem.

Como resultado da aplicação das reformas neoliberais, uma das mazelas mais gritantes da América Latina hoje é continuar com o flagelo da pobreza e persistir com a profunda desigualdade que tem nos definido. Como consequência deste modelo econômico neoliberal e os regimes ditatoriais, a América Latina demorou 25 anos para reduzir a pobreza aos níveis de 1980<sup>9</sup>. Nos anos noventa, alguns governos trabalharam arduamente para diminuir essa distância. Segundo último relatório da CEPAL, hoje existem 209 milhões de pobres na América Latina, dos quais 81 milhões vivem na indigência<sup>10</sup>.

Frente a esse cenário mundial, como se posicionam os países periféricos e a sociedade civil? Desde 1998, grupos organizados têm se unido em diversos movimentos, bastante estruturados, que se reúnem em diferentes lugares do mundo para acompanhar as deliberações dos países hegemônicos. Entre estes, talvez um dos pioneiros seja a ATTAC, organizada sob os auspícios do jornal francês *Le Monde Diplomatique*, periódico que produz uma reflexão crítica sobre a mundialização neoliberal e incentiva “um outro mundo possível”, tema do Iº Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre, no início de 2001. Estas iniciativas são um sinal evidente da capacidade que grupos civis têm de mobilizar pessoas dois mais diversos rincões do planeta em torno a reflexões que, noutros tempos,

---

<sup>9</sup> CEPAL, *Panorama social de América Latina 2006*, Santiago, CEPAL, dezembro 2006, p.8

<sup>10</sup> CEPAL, *Panorama... 2006*, p. 6

sequer eram colocadas em discussão como é a falta de alimentos para uma grande população, a desigualdade social, a falta de um sistema educativo que possa em curto prazo encurtar os índices com os demais países.

Hoje, esse Fórum acontece como instância de debate em caráter permanente<sup>11</sup>, em contraponto aos encontros anuais das grandes lideranças da economia mundial – o Fórum Econômico Mundial (FEM), instituição privada que se reúne em Davos, na Suíça, desde 1971. Este grupo é formado pela elite econômica e política do planeta, isto é por banqueiros, grandes empresários, líderes políticos e, ultimamente, tem convidado alguns artistas e lideranças intelectuais. O tema central sempre é o rumo da economia internacional, embora assuntos mais específicos como a pobreza, a integração de novos países, alterações climáticas, a energia, a situação no Oriente Médio e outros temas relevantes tenham recebido atenção nos últimos encontros.

Nesta comunicação me tenho referido só a dois exemplos de grupos civis organizados, no entanto sabemos da existência de muitas outras organizações: os grupos ambientais, o Grenpeace norte-americano que tem suas filiais em América Latina, o SOS Mata Atlântica, os movimentos indigenistas ou de minorias de cada nação do planeta, o MST no Brasil, os grupos pacifistas etc.

Os grupos oriundos da sociedade civil, que na sua essência são coletivos, em consequência encontram-se legitimados, estão presentes no cenário político mundial e desempenham um importante papel na tomada de decisões de políticas públicas globalizadas. Sem dúvida são grupos de pressão com uma voz cada vez mais potente.

---

<sup>11</sup> Atualmente, este Fórum prepara a sua oitava edição, mas para 2008 não será centralizado num país; se prevê uma semana de mobilização global em diferentes pontos do planeta e para 2009 está programado se realizar em Belém do Pará.